

O Ciúme e o Amor¹

Um Estudo da Psicologia Simbólica Junguiana

Carlos Amadeu Botelho Byington²

Conversando intimamente, no longínquo passado, com um grande amigo, ele me confidenciou que se sentia muito orgulhoso do relacionamento com sua companheira de muitos anos, porque hoje havia conseguido, finalmente, não sentir mais ciúme dela. Instintivamente, e sem pestanejar, respondi-lhe: - “é porque você não a ama mais”. Ele ficou chocado com a minha resposta e eu também, porque não consegui fundamentar racionalmente o que havia dito. No entanto, tenho que me conformar, porque os intuitivos são assim. Percebem as coisas num *flash*, sem saber de onde elas vieram e como explicá-las. Cabe depois, ao laboratório da vida, demonstrar a veracidade ou não das intuições. É por isso que os intuitivos, sobretudo quando sua intuição é intensa e chega à mediunidade, têm que trabalhar muito e ter responsabilidade sobre o que afirmam.

Segui esta receita e hoje volto a refletir sobre o ciúme e o amor, fundamentado numa teoria psicológica.

A Psicologia Simbólica Junguiana que construí é o resultado da minha vivência da cultura na segunda metade do século XX através da experiência cotidiana com as obras dos pioneiros da psicologia dinâmica moderna. Ela tem seus fundamentos nas descobertas de Freud do desenvolvimento da personalidade a partir das relações primárias e dos seus distúrbios, que fixam a libido e originam os sintomas e as defesas – a compulsão de repetição e a transferência defensiva; na teoria de Jung (1945), do inconsciente coletivo, dos complexos, do arquétipo e do processo de individuação, e na conceituação do instinto de poder, de Adler. A Psicologia Simbólica Junguiana desenvolve também os estudos de Erich Neumann (1949) na aplicação dos conceitos de Arquétipo Matriarcal e Patriarcal na formação do Ego da criança e da Consciência histórica coletiva, e amplia o estudo da relação Ego-Outro, presente nas posições esquizoparanóide e depressiva de Melanie Klein, com a formulação de cinco inteligências arquetípicas representadas por cinco posições de relacionamento Ego-Outro na Consciência. Esta perspectiva enraíza-se também nas vivências do corpo simbólico e das

¹ Palestra a convite da Fundación Chilena de Psicología Analítica C.C.Jung e da Universidad Adolfo Ibañez. Santiago, agosto de 2005, publicada na revista *Psique Ciência & Vida* nº 2, Ed. Escala, São Paulo, Setembro, 2005.

² Médico Psiquiatra e Analista Junguiano. Membro fundador da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica. Membro da Associação Internacional de Psicologia Analítica. Educador, historiador e criador da Psicologia Simbólica Junguiana.
e-mail: c.byington@uol.com.br site: www.carlosbyington.com.br

técnicas expressivas das teorias de Reich; da Bioenergética, de Lowen; do Psicodrama, de Moreno; da Psicosíntese, da Gestalt, da Psicodança e do estudo da conduta oriundo da psicologia cognitivo-comportamental.

Dentro da epistemologia científica, a Psicologia Simbólica Junguiana encontrou seu fundamento na filosofia existencial de Heidegger, que descreve a vida humana como o estar-no-mundo (*Dasein ist in-der-Welt sein*) e na filosofia da evolução de Teilhard de Chardin, que descreve a formação da Consciência a partir da biologização e da humanização da matéria. Através de sua criatividade, os dois filósofos ultrapassaram a terrível dissociação sujeito-objeto na teoria do conhecimento, que tanto deformou a Ciência, quando, ao lutar contra a Inquisição, elegeu como verdade exclusivamente a objetividade e a razão, e expulsou o subjetivo e a emoção do templo do Saber.

Apesar de todas estas raízes e influências diferentes, denomino esta Psicologia de Simbólica por seu conceito central ser o símbolo, que liga as coisas entre si e com o todo através dos seus significados, e de Junguiana porque foi Jung aquele que reuniu simbolicamente sua vida, seus sonhos e sua obra dentro da moldura arquetípica do processo de individuação que ele descreveu.

A Psicologia Simbólica Junguiana concebe todas as coisas como símbolos estruturantes, e todas as funções da vida como funções estruturantes. Mas, estruturantes por que? Porque esta Psicologia descreve a vivência das coisas como símbolos que, através das funções, estruturam a identidade do Ego e das coisas na Consciência (Byington, 2004). Uma doença é um símbolo estruturante, e o medo que temos dela é uma função estruturante. Um crime é um simbólico estruturante, e a sua prevenção é uma função estruturante. Um livro é um símbolo estruturante, e nossa curiosidade para lê-lo é uma função estruturante. E assim por diante. Este processo, que forma a Consciência através dos símbolos e funções estruturantes chama-se processo de elaboração simbólica e é aqui considerado o centro de toda a atividade psíquica.

É da máxima importância percebermos que as funções estruturantes são arquetípicas, isto é, existem no Inconsciente Coletivo de todas as pessoas e podem ser normais ou defensivas. Freud descobriu os mecanismos de defesa do Ego. Aqui descrevo essas defesas como funções estruturantes defensivas do Self e não do Ego. Tudo na Psique é bipolar, podendo ser empregado para o Bem ou para o Mal. As funções estruturantes também. Elas podem ser normais e estruturar a Consciência, ou defensivas e expressar a Sombra. Assim, o ciúme é uma função estruturante normal, que muito

contribui para formar e alimentar a Consciência, ou defensiva, quando se transforma num verdadeiro monstro, que é o ciúme patológico.

Muitos dos símbolos e funções estruturantes nos agradam como o aplauso e o carinho, e são fáceis de admitir que formam a Consciência. Já outros, como o ciúme, a agressividade, a inveja, a vergonha e a ambição nos fazem sofrer e, por isso, é difícil admitirmos que contribuam para o crescimento da nossa Consciência. A tradição cultural chegou mesmo a rotular, discriminar e estigmatizar como exclusivamente malignas e destrutivas muitas funções estruturantes que ameaçam a estabilidade do indivíduo ou da sociedade, como aconteceu com os sete pecados capitais. A consequência desta discriminação preconceituosa e moralista é que os símbolos que são impedidos de ser elaborados por essas funções desqualificadas, passam a operar na Sombra, no inconsciente reprimido, e aí sim, elas se tornam inadequadas e destrutivas, e são expressas por defesas que infernizam a vida. A melhor maneira de transformar um cão dócil e afetivo numa fera é prendê-lo numa corrente durante o dia e somente soltá-lo à noite. As funções estruturantes normais, quando são fixadas e defensivas, dão origem à patologia mental, ao crime, à destrutividade e a todo o Mal de que a natureza humana é capaz.

Desta maneira, aqueles que buscam realizar o seu potencial e têm coragem de viver, logo aprendem que tudo na vida tem dois lados. Um é luz e o outro é Sombra. O sofrimento também. O sofrimento saudável é, às vezes, inerente ao processo de crescimento e, nesse, caso, é um grande gerador de vida e de luz. Qualquer criança sadia logo descobre que o preço de aprender a caminhar é pago com quedas, dores e lágrimas. Já o sofrimento defensivo é aquele que nada produz, como, por exemplo, o que encontramos na compulsão de repetição dos sintomas.

É esta base teórica que me permite reunir cientificamente o amor e o ciúme. Lembram-se do meu amigo que não sentia ciúme? Pois bem, algum tempo depois da nossa conversa, ele se separou e, em seguida, apaixonou-se. Um dia, visitei o casal e, no momento em que fiquei a sós com a esposa, ela me confidenciou:- “Você não poderia ensinar o seu amigo a ser menos ciumento? Eu o adoro, mas às vezes sinto que ele exagera no ciúme”. Nesse momento, tive certeza que o meu amigo estava amando outra vez.

O Arquétipo Central é o maestro que coordena os outros arquétipos e todo o processo de desenvolvimento simbólico do início ao fim da vida, através de duas poderosíssimas funções estruturantes: o amor e o poder. A Psicanálise reduziu freqüentemente o amor à sexualidade, e depois, durante anos e décadas, vem

explicando que “sexo é mais do que sexo”. A Psicologia Individual, de Adler, reduziu bastante o poder ao complexo de inferioridade e ao “protesto” para vencer a inferioridade no desenvolvimento. Isso, porém, é muito pouco para explicar por que essas duas funções estruturantes são tão fundamentais para participar sempre da regência do Arquétipo Central.

Como nos ensinou Margrit Mahler, a Psique inicia a vida individual imersa na intensa simbiose das relações primárias, e a identidade se forma por experiências de apego e desapego, união e separação. Surge um novo símbolo e a Consciência a ele se reúne. É a atração e fusão. Os significados simbólicos são integrados e passam a fazer parte da Consciência. Nesse momento, impõem-se a separação para buscar outros símbolos e continuar o desenvolvimento. Winnicott descreveu o objeto transicional como o paninho, o ursinho ou a chupeta, que a criança adota como símbolo para separar-se do seio. Durante toda a vida, cada nova vivência, cada novo símbolo estruturante será um objeto transicional de um símbolo para outro, acompanhado sempre de união e separação.

É difícil conhecermos e caracterizarmos cada função estruturante porque sua expressão entremeia-se com todas as demais funções estruturantes na multiplicidade e nas infinitas possibilidades de ser. Podemos agredir em situações de vaidade, ambição, busca, voracidade, competição, amor e tantas mais, e então, no momento de estudarmos a agressividade podemos descrevê-la com os significados de outras funções com as quais ela mais freqüentemente está associada. Isto é inevitável porque, quanto mais importante e fundamental é uma função estruturante no desenvolvimento do Self, maior é o número de funções estruturantes com as quais ela se associa na elaboração simbólica.

O amor e o poder são as duas principais funções estruturantes na criatividade e organização do Arquétipo Central, porque elas fazem parte da essência do processo de união-separação dos símbolos para formar a Consciência. O amor propicia a união e o poder promove a separação, formando assim a polaridade básica do desenvolvimento do Ser. O amor abre o Ser para a vivência de entrega do Ego para o seu próprio desejo e para o Outro, e para isso renuncia ao *status*, à riqueza e até à própria independência. Tornou-se célebre e comovente a renúncia do Duque de Windsor ao trono da Inglaterra pelo amor da americana Wallis Simpson que, por ser desquitada, não podia ser rainha. Em contrapartida, o poder propicia o fechamento do Ser na entrega para o Outro devido à sua auto-afirmação e à imposição do seu próprio desejo sobre o desejo do Outro, para assegurar sua independência.

A capacidade do poder para promover a auto-afirmação e a independência é tão oposta ao amor que Jung dizia que, quando o poder entra por uma porta, o amor sai pela outra. Sua polaridade também foi descrita como Eros e Logos, por Platão, e, ainda mais antagônica, como Eros e Tanatos, por Freud. A Psicanálise sempre andou às voltas com esse antagonismo. Freud, muitos anos antes de sua formulação final de Instintos de Vida e de Morte (1920), já havia proposto o antagonismo entre os Instintos de poder do Ego e a libido sexual.

No entanto, os pólos das polaridades, apesar de opostos, contribuem sempre também para formar a Consciência, pois são ambos funções estruturantes arquetípicas do Self. Assim sendo, a síntese dos opostos representada na Alquimia européia pelo Arquétipo da Conjunção (*coniunctio*) é descrita como a grande finalidade do processo (*opus*) para se obter a pedra filosofal (*lapis philosophorum*), que foi estudada por Jung como a finalidade da auto-realização psicológica, a qual denominou Processo de Individuação. O sábio Hermes Trismegistus, personagem lendário da Alquimia da antigüidade, já afirmava no texto da Tábua de Esmeralda (*Tabula Smaradigma*) que “o que está em cima é igual ao que está embaixo. Compreendam isso e regozijem”. A luz do amor traz a felicidade do Ser, mas sua Sombra possessiva pode matá-lo de asfixia. A luz do poder é capaz de construir uma nave espacial e sua Sombra, ordenar o genocídio.

O princípio e a sabedoria da síntese dos opostos pode ser aplicado a qualquer polaridade da vida e do conhecimento. Afinal, não foi a descoberta das valências, na Teoria Atômica, que permitiu a compreensão da atração e da repulsão dos elementos para formar os compostos químicos da natureza? No entanto, como fazê-lo com a extraordinária polaridade da separação e da união, do poder e do amor? Quanto mais importante e abrangente é uma função estruturante, mais funções estruturantes auxiliares ela possui para se expressar. As funções estruturantes do amor e do poder são auxiliadas intensamente pelas funções do ciúme e da inveja. O ciúme acompanha o amor, e a inveja, o poder. Em meu livro *Inveja Criativa*, descrevi a força do poder de conquista da inveja (Byington, 2002). Hoje, abordo o ciúme como função estruturante.

O ciúme é uma função estruturante que, quando opera normalmente, guia a função estruturante do amor e delimita o seu território. Nesse caso, o ciúme é o guardião ético do amor. O ciúme esclarece para a Consciência até onde o amor tem direitos e deveres e mostra quando ele transgride suas fronteiras e torna-se defensivo, ou seja, inadequado, possessivo e destrutivo.

As funções estruturantes são instrumentos maravilhosos para aperfeiçoar a Consciência. Elas são verdadeiros anjos, que nos permitem empregar a criatividade para

conhecermos a vida e trilharmos de maneira inteligente o caminho do Bem. No entanto, quando se tornam fixadas e, portanto, defensivas, por um distúrbio no processo de elaboração simbólica, as funções estruturantes passam a expressar a Sombra, que abriga a inadequação, os sintomas, o erro e o crime dentro do caminho do Mal. Quando as funções estruturantes tornam-se fixadas e, com isso, defensivas, os anjos transformam-se em demônios, que trazem o sofrimento improdutivo, a destrutividade e a infelicidade. Por isso, quanto maior for a capacidade de as funções estruturantes trazerem a realização do Ser, maior também será a sua força capaz de atormentar as pessoas e conduzi-las ao descaminho, quando se tornam defensivas.

Desta maneira, a psicoterapia dinâmica simbólica nunca pode se restringir a interpretações que se limitam a nomear disfunções e sintomas da Sombra e do inconsciente reprimido. Ela precisa sempre também elaborar a função estruturante que se tornou defensiva, resgatar seus componentes fixados e liberá-los, para agir plenamente na Consciência. Não basta apenas identificar o pecado. É preciso sempre também buscar através dele e do arrependimento, o caminho da salvação. Os terapeutas pouco vividos e que centralizam sua vida emocional dentro do hospital e do consultório, freqüentemente têm facilidade de diagnosticar defesas e sintomas, mas podem ter também grande dificuldade em resgatar, a partir deles, a função estruturante normal, indispensável para a criatividade do Self. Não foi por acaso que Santo Agostinho, após uma vida devassa na mocidade, pode atingir a profundidade da dimensão espiritual e ética que o consagrou. Com o maravilhoso desenvolvimento das neurociências e da psicofarmacologia, hoje é comum vermos jovens médicos diagnosticarem depressão, e receitarem antidepressivos, sem ter a menor capacidade de empatizar a tristeza dos seus pacientes, elaborar e descobrir com eles onde sua função estruturante do amor está fixada e foi transformada em tristeza e depressão. Sua pouca experiência de vida – embora profissionais maduros possam também agir assim –, e a tendência a identificar a tristeza com a depressão e medicá-la é tão grande, que parecem desconhecer que a tristeza, o desânimo e a depressão freqüentemente expressam a função estruturante do amor deformada por uma defesa. Tenho visto pessoas tomando antidepressivos sem que sua depressão tenha, em momento algum, sido examinada como a distorção da função estruturante do amor. Essa limitação cultural é reforçada pelo *marketing* da poderosa indústria de medicamentos e pela mentalidade consumista do livre mercado, que estimulam as pessoas a se livrarem da tristeza aumentando o consumo do luxo e do supérfluo. O resultado é que os distúrbios afetivos no casamento, nos demais relacionamentos, no emprego e na sociedade de um modo geral, por não serem

examinados à luz das disfunções do amor, são exacerbados, agravando os sintomas depressivos e justificando mais remédios. Trata-se de uma espiral defensiva progressiva e perversa, na qual a atitude terapêutica pode, às vezes, aliviar a causa imediata, mas agrava o quadro a médio prazo. Têm ocorrido simpósios médicos sobre depressão, com palestrantes psiquiatras conhecidos, que concentram a tal ponto suas idéias na patologia, que o amor não é sequer mencionado. O próximo alvo do “livre” mercado de antidepressivos é o universo infantil, onde freqüentemente as crianças apresentam sintomas depressivos que expressam a infelicidade do lar. Já vi vários casos em que a mãe leva a criança deprimida para tratamento psiquiátrico em consultas nas quais, em momento algum, lhe foi perguntado se havia infelicidade no lar.

Ao mesmo tempo em que a função estruturante do amor é pouco estudada além da serotonina na psiquiatria, ela é prostituída e aviltada, vítima da função estruturante do poder empregada defensivamente pelo *marketing* a serviço da ganância. Na sociedade de consumo, um coração vermelho, símbolo do amor apaixonado, tem sido usado associado à imagem de políticos em campanha eleitoral e para a venda de produtos os mais variados. Outro dia vi um supermercado adotar a imagem do coração para a venda dos seus produtos, que incluem até mesmo papel higiênico.

Se o amor, que é valorizado e incentivado é tão mal estudado e cuidado, não é de se surpreender que o ciúme, que estamos concebendo como seu guardião e função auxiliar, o seja ainda mais.

Um engenheiro de meia idade casou-se pela terceira vez, com uma mulher separada, e veio buscar terapia. Reconhecera finalmente que seu ciúme era patológico e que havia destruído seus dois casamentos anteriores. Expliquei-lhe que o ciúme normal é uma função muito útil para cuidar e proteger o amor, e que, se o ciúme o estava atormentando tanto e à sua companheira, era porque ele o estava vivenciando de maneira indevida e doentia. Sugerí a ele que pesquisássemos e procurássemos identificar o que ele fazia de inadequado com o ciúme. Não demoramos a encontrar sua disfunção. Por ser uma pessoa muito afetiva, quando ele amava, queria conhecer a outra pessoa intimamente e saber dos seus hábitos e gostos, dos seus amigos, da sua família e da sua história. Até aí o ciúme se manifestava normalmente. Sentia ciúme do passado de sua esposa e até da sua infância, mas conformava-se de não tê-la conhecido antes e, por isso, não ter partilhado de todas suas experiências emocionais. De repente, no entanto, aconteceu algo que exacerbou seu ciúme de tal forma, que ele perdeu o controle do seu amor, tornando-se possessivo, intolerante, obsessivo e agressivo. Isso aconteceu quando começou a perguntar como havia sido o casamento anterior da esposa e ela

concordou em descrevê-lo. Entrando nas vivências íntimas dela, sentiu curiosidade por saber como ela se portava eroticamente, o que fazia seu marido e como ela correspondia e sentia. De início, até sentiu-se satisfeito com a abertura e a entrega da esposa que, por amor, lhe confiava minuciosamente os segredos de sua vida passada. Mas, a digestão do que lhe parecia um alimento saudável, revelou-se um veneno que o intoxicou. Seu ciúme começou a persegui-lo dia e noite. Tornou-se cada dia mais possessivo, controlador e agressivo, e sentiu que mais uma vez caminhava para destruir o amor.

Expliquei-lhe que o ciúme é um *daimon*, uma força da vida, uma função estruturante que acompanha, vigia e cuida do amor, alertando a Consciência sobre os diferentes estados do amor, inclusive sobre seus limites. No caso, eles haviam transgredido os limites do amor conjugal e desrespeitado o ciúme, o que o tornara tão furioso. Ele não deveria ter cedido à sua curiosidade de perguntar e sua esposa nunca deveria ter devassado o leito conjugal do seu primeiro casamento. O ciúme que ele sentira do primeiro marido, ao contrário de conduzir para a abertura do amor entre eles, tinha sido um aviso de que aquela fronteira pertencia a um estado de alma que não podia ser partilhado. Nesse caso, a busca da intimidade havia conduzido à promiscuidade emocional, defensiva e perversa, e não deveria ter sido obedecida.

O exame minucioso da curiosidade que o levava a querer saber daquela experiência revelou que ela não havia sido guiada pela entrega amorosa, e sim pelo poder. Era a sua insegurança como homem e a dúvida de ser realmente amado que o levava a querer controlar um amor do passado e conduzido a uma situação tão desesperadora, que ameaçava destruir o vínculo amoroso do presente. O ciúme exacerbado vinha ensinar a ele que o amor é também cuidado e consideração, o que o obrigava a respeitar a intimidade de um amor que não era dele. Sua esposa, por sua vez, se reconhecesse a força do ciúme, não o teria incendiado pela exposição da intimidade com seu primeiro marido. Ao transgredirem os limites do amor e o ferirem, desconsideraram e atropelaram o ciúme, desencadeando sua ira, perseguição e castigo. A essência do seu erro havia sido uma das maiores, se não a maior que se pode cometer contra o amor, ou seja, entregá-lo à voracidade de controle pelo poder. Foi contra a traição do amor e sua entrega ao poder que o ciúme levantou-se enfurecido para torturar o pobre engenheiro.

Qual fios de uma teia de aranha, as funções estruturantes entrelaçam-se para elaborar os símbolos e extrair deles os significados para formar a identidade do Ego e do Outro na Consciência. Assim sendo, muitas vezes uma função estruturante nos ensina

mais sobre outra do que já havíamos aprendido com a própria. Este casal, com a tortura do marido pelo ciúme que atingiu também a esposa pelo controle, possessividade e agressividade, viveu um verdadeiro processo de iniciação sobre o segredo da intimidade e da fidelidade do amor com uma profundidade que antes nunca tinha imaginado. Eles aprenderam com o ciúme que, acreditando amar, haviam ferido uma das grandes qualidades do amor, que é a intimidade.

Mas, cuidado! Ao abordarmos o estudo das funções estruturantes precisamos lembrar sempre de Hermes Trismegistus, e não esquecer que as funções, os símbolos e os arquétipos que as coordenam são sempre bipolares. Assim, necessitamos resgatá-los dos estigmas tradicionais e perceber que todos podem ser bons ou maus, dependendo da vivência em que estão operando. Desta maneira, quando descobrimos uma característica nova de uma função, não devemos incorporá-la à função sem levar em conta que ela sempre poderá ser normal ou defensiva. Quando a incorporamos só como boa, recaímos no moralismo, naquele mesmo do qual nos libertamos ao admitirmos a polaridade de todas as funções.

A intimidade do amor também é uma função estruturante que pode ser normal e saudável, ou defensiva e destrutiva. Há casais que mergulham cada vez mais na intimidade, isolam-se do mundo e terminam por empobrecer suas vidas e o próprio amor, ao qual eles quiseram se dedicar inteiramente. O que evita categorizar *a priori* como boas ou más funções estruturantes, recair no moralismo e formar preconceitos é manter sempre presente a noção da bipolaridade ética e perceber em cada momento da vida da pessoa e da cultura se o seu funcionamento naquele determinado contexto é normal ou defensivo, produtivo ou inadequado, bom ou mau. Lembrando o ditado “de boas intenções o inferno está cheio”, podemos nos proteger melhor para evitar cair dentro dele.

Nessa etapa, a terapia do nosso engenheiro apresentou um problema que precisa ser compreendido. De início, ele estava de tal forma dominado por seu sintoma que nada percebia além dele. Encontrava-se tão desesperado pelo ciúme defensivo, que desencadeava nele tanta agressividade, que estava a ponto de desfazer o vínculo conjugal e, mais uma vez, destruir o amor. Com o acolhimento da terapia, a medicação ansiolítica que lhe prescrevi e o início da elaboração da natureza do ciúme, passou a ter momentos em que voltava a amar a esposa. Somente depois de um ano de terapia pode perceber que tinha dois tipos de ciúme. Um que o fazia pensar sobre a profundidade, a criatividade, a beleza e as maravilhas do amor, e outro que o induzia a atacar, romper e destruir o amor. Trabalhamos muito esse desenvolvimento, e ele terminou sua terapia

sentindo que o ciúme lhe ensinara muitas coisas sobre o amor e que, quanto mais o ciúme era respeitado, mais o amor era cultivado e preservado. Anos depois, voltou a me consultar, desta vez para ter uma indicação de uma analista para sua filha. Nesta sessão, contou-me que amadurecera muito sua relação com o ciúme e que agora já havia se acostumado a ver lado a lado as duas formas de ciúme, uma normal, ajudando a avaliar e respeitar seu amor, e outra, defensiva, torturando os amantes e encaminhando-os para a destruição do vínculo amoroso.

Para entender melhor porque existem tantos preconceitos moralistas com relação às funções estruturantes, que nos impedem de conhecê-las e tratá-las psicodinamicamente, por não aceitarmos sua natureza estruturante bipolar que atua entre o Bem e o Mal, necessitamos uma introdução sumária sobre os cinco diferentes padrões arquetípicos da Consciência formulados pela Psicologia Simbólica Junguiana. É um pouco mais de teoria, mas que vale a pena porque permitirá aprofundar nosso conhecimento do ciúme e do amor.

Existem cinco inteligências arquetípicas no ser humano, que regem o relacionamento do Ego com o Outro na Consciência e na vida. O Ego engloba todas as representações do sujeito, e o Outro, todas as representações das coisas, do não-Ego. As cinco posições Ego-Outro, inicialmente descritas por Melanie Klein como posições esquizoparanóide e depressiva, foram aqui ampliadas e cada uma relacionada com um arquétipo. Da mesma maneira, os arquétipos básicos da formação da Consciência individual e coletiva, que são o Arquétipo Matriarcal e o Arquétipo Patriarcal conceituados por Erich Neumann, são aqui aumentados para cinco e associados a posições arquetípicas Ego-Outro na Consciência.

Quando um símbolo entra no campo psicológico, geralmente consciente e inconscientemente, ou às vezes só inconscientemente, inicia-se a elaboração simbólica coordenada pelo Arquétipo Central na posição Ego-Outro indiferenciada. No terceiro casamento do nosso engenheiro, começou, ou melhor, recomeçou a agir o símbolo da traição, mobilizado pelo ciúme e pela raiva, sem que ele tivesse a menor noção do seu real significado. Sabemos que o símbolo é importante porque ele foi “constelado”, isto é, mobilizado pelo Arquétipo Central no campo psíquico de maneira ainda indiferenciada. Mas só. Os quatro arquétipos seguintes vão continuar a ser coordenados pelo Arquétipo Central e terão cada um sua inteligência específica.

A seguir, a elaboração continua na posição insular coordenada pelo Arquétipo Matriarcal. Nesta posição a relação Ego-Outro é muito íntima, prazerosa ou desprazerosa, sem qualquer outra especificação. Ela ocorreu quando o engenheiro

começou a sofrer com o ciúme e seu desprazer dirigiu sua agressividade claramente contra sua mulher. Esta posição é bipolar, pois o prazer é sentido como bom, e o desprazer, mau, mas seus pólos podem ser vivenciados separadamente, sem que isso seja patológico.

A posição insular apresenta a fixação do ciúme e do amor quando o Ego fica possuído pela frustração oriunda simplesmente da divisão do vínculo amoroso. Existem dois grandes exemplos dela na psicologia dinâmica. Uma é o caso do “pequeno Hans”, descrito por Freud, que apresentou uma fobia de cavalo após o nascimento de uma irmãzinha. A meu ver, seu amor não pode incorporar o ciúme e dividir sua mãe e, por isso, seu ciúme, tornado defensivo e agressivo, foi projetado na violência atribuída ao cavalo, gerando a fobia. Freud atribuiu a fobia de cavalo ao complexo de castração, devido ao complexo de Édipo, como que não estou de acordo, por achar que só a frustração oriunda do ciúme da irmã já basta para explicar a agressividade projetada no cavalo e a fobia. O outro, foi o caso de Ana, filha de Jung, também de 5 anos de idade, que apresentou reação fóbica com o nascimento de seu irmão Franz, o que também nos faz pensar no ciúme defensivo deformando o amor.

A terceira posição é a posição polarizada regida pelo Arquétipo Patriarcal, na qual o Ego e o Outro estão sempre em posições assimétricas. Esta posição é ternária porque o Ego somente vê a polaridade luz e Sombra, Bem e Mal, no Outro, e em si mesmo vê apenas a luz e o Bem. Ela corresponde à visão maniqueísta do mundo, em que algo é bom ou mau, dependendo de estereótipos moralistas e dogmáticos. Foi esta posição que historicamente categorizou as funções estruturantes em boas e más.

Sua patologia pode ser ilustrada em dois casos célebres: Otelo, de Shakespeare e Don José, da Ópera Carmen, de Bizet. Em Otelo, Iago, movido por inveja diabólica, leva o general a acreditar que sua esposa Desdêmona o trai. Possuído por um ciúme defensivo que não consegue controlar, Otelo a castiga, matando-a. Da mesma forma, Don José, vendo Carmen apaixonada por Escamilo, pede a ela que volte para seu amor. Rejeitado, ele não resiste ao ciúme e a apunhala mortalmente.

A quarta inteligência arquetípica é a posição dialética da relação Ego-Outro coordenada pelo Arquétipo da Alteridade. Ela é quaternária porque o Ego admite sua luz e sua Sombra, enquanto o Outro também o faz. Somente aqui é possível para a Consciência entender e empregar o axioma de Hermes Trismegistus sobre o segredo da igualdade dos opostos. Somente neste padrão de Consciência podemos entender o paradoxo do alfa e o ômega, que define Jesus como o menor dos menores e o maior dos maiores. Menor pela sua humildade, e maior por sua compaixão. É também neste padrão

de Consciência que podemos exercer a psicoterapia dinâmica, que nos permite simbolizar os sintomas e buscar dentro da sua função estruturante defensiva, a função estruturante normal, que volta a formar a Consciência dentro do conceito psicológico arquetípico de cura.

Sua representação patológica do ciúme foi ilustrada no último filme de Stanley Kubrick, *De Olhos Bem Fechados*, no qual, a esposa (Nicole Kidman), sentindo-se pouco amada e valorizada pelo brilhante médico que é seu marido (Tom Cruise), conta a ele uma deslumbrante fantasia, na qual o traiu com um militar, que eles haviam visto passar no saguão de um hotel. O marido passa a lidar com um ciúme gigantesco, que não consegue controlar, exatamente porque o adultério é e não é, existe e não existe, pois é fruto “apenas” da imaginação da sua esposa.

Finalmente, a quinta inteligência arquetípica é a posição contemplativa, na qual o Ego e o Outro retornam à unidade com o mundo, integrando e aceitando a percepção conjunta do Bem e do Mal na vida. Ela apresentou-se na personalidade do nosso engenheiro, quando, depois de alguns anos, ele voltou à consulta e relatou sua vivência de integração do ciúme e do amor dentro dos dissabores e tranqüilidade de sua vida conjugal.

Esta posição apresenta-se defensivamente quando as pessoas declaram-se “amadurecidas e em paz com a vida”, e que não sentem mais ciúme porque desistiram de amar. Ela é defensiva porque não posso imaginar o amor sem ciúme. Muitas pessoas acham que não têm ciúme porque confundem ciúme com possessividade, isto é, com ciúme patológico. Nesse caso, ao não sentirem possessividade, concluem que não sentem ciúme. No entanto, quando examinamos sua maneira de amar, constatamos que elas percebem minuciosamente cada sentimento e movimento da pessoa amada, capacidade esta que lhes é dada pelo ciúme normal.

Para terminar, quero demonstrar ainda mais a capacidade da função estruturante do ciúme de guiar a Consciência na vivência do amor, mencionando o caminho possível de saída para a luz da função estruturante do ciúme fixada e aprisionada na Sombra. É impressionante como esse percurso faz parte ao mesmo tempo da terapia do ciúme patológico, do autoconhecimento e da construção da Supraconsciência, que percebe a vida sempre com a Consciência e a Sombra, o Bem e o Mal.

Se o pequeno Hans e a menina Ana elaborassem suas fobias, eles seriam iniciados na força estruturante do ciúme, cuja experiência avassaladora os levou à fixação e à formação da defesa fóbica. Ao integrar construtivamente o ciúme, eles

aprenderiam que o amor dos pais não é exclusivo de cada filho, pois sua grandeza, generosidade e dedicação podem incluir mais de um.

Se Otelo tivesse podido agüentar seu ciúme dentro do amor, ele teria aprendido a reconhecer a manipulação invejosa, artilosa e mefistofélica de Iago e a beleza e dedicação do amor de sua linda Desdêmona. Se ele tivesse se aprofundado no ensinamento do ciúme, ele certamente teria mergulhado no autoconhecimento, descoberto o significado de sua ligação íntima com sua mãe e de sua auto-estima minada por seu complexo racial oriundo de sua negritude.

De sua parte, se Don José tivesse resistido à fúria estruturante do seu ciúme, e com ela ampliado sua Consciência, teria compreendido a exuberância existencial de Carmen, declamada na Habanera, onde ela exalta a transcendência e a autodeterminação do amor. Ele teria podido ver que a falta de seu pai e a superproteção e possessividade de sua mãe o haviam enfraquecido e obrigado a apegar-se ao exército, incompatível com o amor de Carmen. Através da dor e da verdade da vida, seu ciúme certamente lhe teria mostrado que o toureiro Escamilo era um vencedor e que, por isso, tinha o amor de Carmen, enquanto que ele era um desertor, não apenas do exército, mas do próprio amor e, por isso, a havia perdido.

Ao elaborar seu ciúme criativamente, o jovem médico filmado por Kubrick teria se dado conta de como seu amor conjugal estava ferido e limitado por sua vaidade, suas atuações mundanas e sua incapacidade de ver o sofrimento de sua mulher. Poderia, ao mesmo tempo, mostrar a ela o maquiavelismo e o poder de sua fantasia de adultério, que haviam revelado, num de seus sonhos, o quanto ela estava perdida e desesperada.

Finalmente, aqueles que não têm ciúme porque acreditam que não precisam mais de amor, podem conscientizar que não sentem ciúme porque desistiram de buscar o amor. Neste caso, é importante que ficassem atentos para que o cinismo e a depressão senil não venha atormentá-los por sua recusa de buscar o amor.

Para terminar, quero enfatizar que a compreensão da força estruturante do ciúme, protegendo e delimitando o amor, é tão fundamental quanto o conhecimento da capacidade estruturante da inveja para alimentar o poder. O ciúme e a inveja são as duas grandes funções estruturantes que propiciam a conjunção entre o amor e o poder dentro do Arquétipo Central para a estruturação plena da Consciência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Byington, Carlos Amadeu Botelho (2002). *Inveja Criativa – O Resgate de uma Força Transformadora da Civilização*. São Paulo: W11 Eds., 2002.

_____ (2004). *A Construção Amorosa do Saber – Fundamento e Finalidade da Pedagogia Simbólica Jungiana*. São Paulo: W11 Eds., 2004.

Freud, Sigmund (1920). *Além do Princípio do Prazer*. Obras Completas vol. 18. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1969.

Jung, Carl Gustav (1945). *O Eu e o Inconsciente*. Obras Completas vol. 7. Petrópolis: Vozes, 1980.

Neumann, Erich (1949). *História da Origem da Consciência*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1995.